

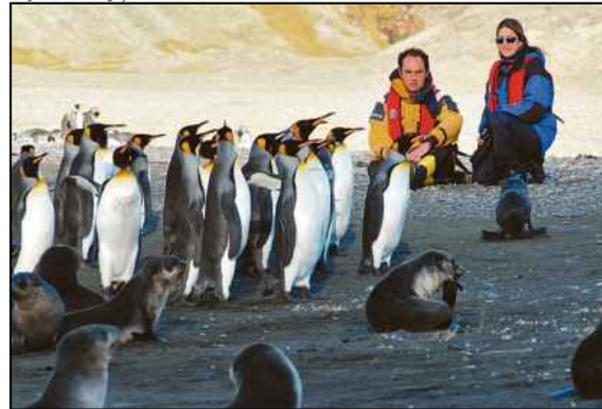
Amyr Klink/Divulgação



Amyr Klink/Divulgação



Amyr Klink/Divulgação



## NAVEGAÇÃO

Amyr Klink concluía, há 30 anos, a travessia do atlântico sul a remo. Ele e o barco I.A.T. saíram do sudoeste da Namíbia e chegaram à Praia da Espera, em Itacimirim (BA). Feito inédito lhe rendeu fama e um best-seller

# Entre o céu e a água

» ANDRÉ SHALDERS

**S**ão Paulo — Há trinta anos, o barco a remo I.A.T. chegava à praia de Itacimirim, no litoral norte da Bahia. O único tripulante do barquinho era o navegador Amyr Klink, então com 29 anos de idade. Klink partira três meses antes do Porto de Lüderitz, no sudoeste da Namíbia, para concretizar o feito inédito e até hoje não repetido de atravessar o atlântico sul sozinho, num barco a remo. A aventura ganhou manchetes ao redor do mundo e se transformou no best-seller *Cem Dias entre céu e mar* (Companhia das Letras). Para celebrar as três décadas da viagem a bordo do I.A.T., Klink promoveu o projeto “30 Anos da travessia a remo do Atlântico”, com um ciclo de palestras em São Paulo.

Até a semana que vem, é possível visitar a mostra fotográfica *Linha d'Água*, no Centro Cultural do Conjunto Nacional, na capital paulista. A exposição reúne trinta fotografias feitas pelo próprio Amyr em viagens oceânicas. Quem for ao Conjunto poderá também ver o próprio I.A.T., que, nos últimos anos, adornava a entrada da casa de Klink. O barco foi concebido pelo navegador paulista com base em um projeto do francês Gérard D'Aboville, que atravessara sozinho o atlântico norte quatro anos antes.

Com alimentação à base de comida desidratada e jornadas de oito horas por dia remando, Klink acabou perdendo 25kg durante a travessia. Ao *Correio*, o economista contou que se sentia “muito bem”, ao desembarcar

na Bahia e que a ideia da travessia surgiu “por puro diletantismo”.

“Eu tinha tido um acidente em Paraty e tive o seccionamento da mão direita. E o processo de implante e as operações seguintes foram muito trabalhosos. Eu nem tinha a expectativa de voltar a remar. Então, eu me dediquei por puro diletantismo. Eu cansei de ler textos literários com histórias de pessoas que sobreviveram a acidentes de aviação, acidentes do Pacífico”, conta. A preparação para a viagem também envolveu um minucioso estudo das correntes oceânicas e de encontros com navegantes experientes, contou ele.

Klink diz não ter sido dominado pelo medo de morrer, apesar das três capotagens sofridas pelo I.A.T. logo no começo da jornada. “É exatamente o fato de você se apoiar em tantas informações, dados e estatísticas, que acaba mitigando esse medo da morte (...). Eu passei por uma fase de problemas burocráticos tão profunda que, no final, foi um alívio. ‘Meu Deus! São só ondas! E são só tubarões! Eles não têm nenhuma maldade. É só o mar!’”

### Rotina

O navegador conta que, no seu último dia em São Paulo, tudo deu errado. Problemas burocráticos no envio do barco para a Namíbia, uma briga com a namorada em pleno Centro de São Paulo e até uma abordagem pela Rota em Guarulhos (SP) foram alguns deles. “A verdade é que foram dois anos de preparação, mas a mala mesmo eu fiz em 50 minutos”, diverti-se.

Navegando apenas com um astrolábio manual e um aparelho radioamador, Klink percebeu rapidamente que teria de organizar uma rotina para conseguir se afastar da costa africana e embarcar na corrente oceânica que o levaria até a Bahia. “Não adianta tentar remar 14 horas por dia, por conta do estresse físico. Senão, no outro dia, você vai fazer oito, no outro seis, depois uma folguinha... No fim, você faz uma greve da USP. Eu comecei tentando fazer 18 horas, e me lasquei”, contou.

Após quatro dias de ritmo inconstante, a costa da Namíbia começou a despontar no horizonte. “Aí eu entrei em pânico. Percebi que não tinha conseguido me distanciar da África e que na realidade eu estava voltando. Percebi que era importante ter uma regularidade e uma disciplina”, diz.

Ele também nega que a saudade de casa tenha sido um problema durante a viagem. “A vida de quem comanda, navega, pilota, voa, é uma vida com longos períodos de isolamento, em que você tem tanta responsabilidade, que não dá tempo de ficar pensando em casa. Então, eu não tive um fio de... Não senti a menor falta de ninguém. Dá saudade de algumas coisas, mas eu estava totalmente concentrado em fazer o barco funcionar”, contou o navegador. Klink vive atualmente em Paraty (RJ), com a mulher e duas filhas. Além das viagens, se dedica à construção de barcos e a uma escola de navegação para jovens carentes da cidade.

**O repórter viajou a convite da Avianca, que apoia o projeto 30 anos da travessia a remo do Atlântico**

AKPE/Divulgação



AKPE/Divulgação



AKPE/Divulgação



AKPE/Divulgação



AKPE/Divulgação



AKPE/Divulgação



AKPE/Divulgação

